

Editorial

O FUTEBOL
AMEAÇADO

A última rodada do Brasileirão terminou, como acontece com frequência no futebol brasileiro, em briga entre torcedores do Vasco e do Atlético do Paraná, em Joinville. As cenas de brutalidade foram mostradas pela televisão, e o jogo esteve interrompido por uma hora. Quatro torcedores tiveram de ser hospitalizados.

Há duas semanas, a festa de comemoração do título, conquistado pelo Cruzeiro, foi cancelada, em Belo Horizonte, depois que torcedores do time brigaram entre si. Ontem, aqui, os torcedores do Atlético foram, debaixo de chuva, se despedir do time, que embarcou para o Marrocos atrás de um título mundial.

É um mistério o que move os machos, sobretudo, no Brasil e em todo o mundo, em sua idolatria por outros machos empenhados em defender um título esportivo ou ganhar um jogo. Esses marmanjos choram como crianças quando seu clube perde e espancam outros torcedores como lutadores de MMA.

Desde os anos 80 que essa situação vem se agravando, sem que ninguém saiba o que fazer para conter a violência. Os planos de segurança para os jogos de futebol são inócuos. Uma esperança recente está em iniciativa dos próprios jogadores de futebol, reunidos num movimento, o Bom Senso Futebol Clube.

O Estatuto do Torcedor, que prevê o afastamento dos torcedores violentos dos jogos e o cadastramento das torcidas organizadas, é ainda mal-cumprido. O decreto que o regulamentou aguarda desde outubro a sanção da presidente da República. O que sobra são as sanções dos tribunais de Justiça Desportiva.

Futebol no Brasil se transformou em assunto de interesse nacional. Sobreretudo agora, às vésperas da Copa do Mundo. O país fez um investimento gigantesco, que pode se frustrar. Como disse o francês Michel Platini, se tiver de ver a Copa ladeado por seguranças e militares, não virá ao Brasil, vai ver pela TV.

O futebol tem este poder. Atrás de um time, está um país inteiro. Mas ele precisa ser um esporte seguro, no qual todos queiram estar presentes.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR
PRESIDENTE
VICE-PRESIDENTE
DIRETOR EXECUTIVO
DIRETOR FINANCEIRO

Vittorio Mediolì
Laura Mediolì
Luiz Alberto de Castro Tito
Heron Guimarães
Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
GERENTE DE TECNOLOGIA
GERENTE INDUSTRIAL
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
GERENTE DE MARKETING
GERENTE DE CIRCULAÇÃO
GERENTE DE ASSINATURAS

Fabiano Guerra
Fábio A. Santos
Guilherme Reis
Walmir Prado
Alessandra Soares
Isabel Santos
Maria Beatriz Braga Rocha

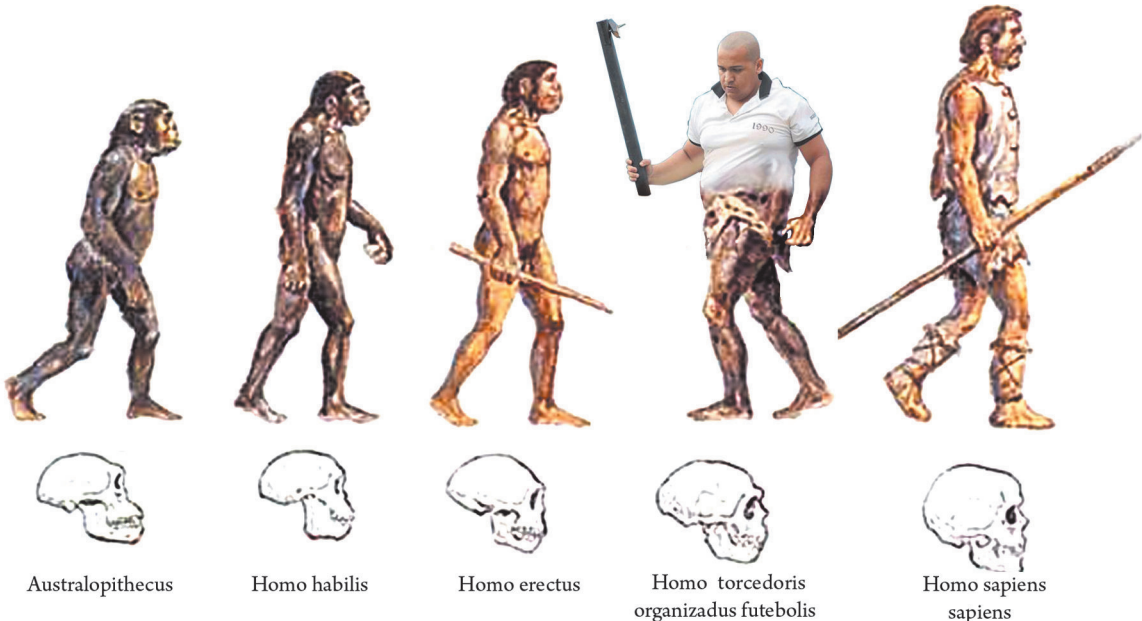
EDITORIA EXECUTIVA
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
CHEFE DE REPORTAGEM
EDITORES

Lúcia Castro
Michele Borges da Costa
Murilo Rocha
Renata Nunes
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

INVOLUÇÃO DO HOMEM

Duke



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Racismo explícito: negras
(in)confidências & rainha de Sabá

Era elogio ou crítica ferina?Hoje sei que era uma crítica!

“Negras (in)confidências – Bullying, não. Isto é racismo”, livro organizado por Benilda Bri- to e Valdecir Nascimento (Mazza Edi- ções), é uma coletânea de depoimen- tos de mulheres negras sobreviventes do racismo nosso de cada dia na escola. Dói. Deveria ser lido por quem dá aulas porque é uma panorâmica de co- mo as escolas permitem e reproduzem o racismo. São memórias dolorosas da meninice de mulheres negras sob a ba- tuta do racismo.

É uma leitura imperdível e faz a gente evocar fatos que julgava perdi- dos ou inexistentes. Num papão anima- do com a Mazza e a Kia Lilly, peguei um gancho da Kia que indagou qual era a profissão da mamãe. Disse-lhe que era costureira e que fazia vestidos de fadas. E eu pude usar belos vestidos de organdi, pele de ovo, seda pura, bro- derie, chiffon e musseline, de algodão e de seda – tudo com muito frufu: ren- das, fitas e paetês!

Mamãe e vovó, que dizia que na fa- mília dela mulher tinha que luxar, não mediam esforços para concretizar o le- ma. Quando eu voltava para a Casa do Estudante – havia a masculina e a femi- nina, anexos do Colégio Colinense –, levava, em média, 16 a 20 vestidos no- vos: um para cada domingo do semes- tre – jamais repetia um vestido na mis- sa aos domingos! Sem falar que o Lou- ro, sapateiro famoso de Graça Aranha, fazia meus sapatos pespontados à mão, de várias cores... Sempre que o encontrava (morreu há uns dois anos), dizia: “Essa doutora aqui, eu fazia os sapatos dela à mão, desde criança”.

Sempre que eu saía para a missa

domingueira, dona Estela (a professora Estela Rosa e Silva), diretora da Casa do Estudante, que é negra, dizia: “Esse po- vo da Fátima faz dela uma rainha de Sa- bá”, que eu não sabia quem era, mas entendia que ela dizia que eu me vestia como uma rainha.

Era elogio ou crítica ferina? Mamãe achava o máximo! Era a constatação da perfeição de seu trabalho e o reconheci- mento de que os vestidos que ela fazia pa- ra a filha eram de uma beleza incomum. No entanto, anos a fio ouvindo que eu era como a rainha de Sabá, incomodava. Ho-

A menina das roupas de rainha de Sabá teve a honra de cumprimentar Nelson Mandela com um aperto de mãos, em Durban, 2001

je, entendendo que meus belos vestidos des- pertavam inveja porque eu era uma me- nina negra vestida com esmero. Em su- ma, hoje sei que era uma crítica!

Basta lembrar que Brizola, um dia, muito emputecido com Benedita da Sil- va, não se conteve: “Como pode uma pessoa simples, humilde, muito queri- da como a Benedita, como vice-governa- dora, se comportar que nem a rainha de Sabá?” (...) Fiquei sem entender se Bri- zola criticou ou elogiou Benedita. (“Rai- nha de Sabá”, **O TEMPO**, 7.7.2004). Belkis, a rainha de Sabá (atual Iêmen do Sul), era negra e rica. Contemporânea do rei Salomão, de quem se cogita que teve um filho (Menelik I, fundador da

Monarquia etíope, 1.000 a. C.), viajou sete anos até Jerusalém com uma cara- vana enorme e abarrotada de especia- rias, ouro e pedras preciosas para pre- sentear Salomão.

Repito: era elogio ou crítica ferina? Eu era a única menina negra na Casa do Estudante. Minha família, de todas que mantinham filhas ali, de certeza, era a única negra e a de menos posses – nada que se comparasse com as filhas do Nilo Pacheco da Fortuna (rico afamado, ex- prefeito); Maria Inês do Burititi Bravo; a filha dos Borges de São Domingos; a Meirinha, filha de um Pacheco do Saco (fazenda nos arredores de Colinas), por aí... Os nomes se perderam no tempo, mas a branquitude e a riqueza do sertão estavam todas ali... Sobrevivi. A menina das roupas de rainha de Sabá teve a hon- ra de cumprimentar Nelson Mandela com um aperto de mãos, em Durban, 2001.

